



**DANIEL BRÜHL
KATRIN SASS**



GOOD BYE LENIN!

ADEUS LENINE!

**UM FILME DE
WOLFGANG BECKER**

SOBRE O FILME

Outono de 1989. A dissolução da RDA está em pleno andamento. Pouco antes da queda do muro, a Mãe Kerner tem um ataque cardíaco, entra em coma e dorme durante todo o triunfo do capitalismo. Quando acorda no Verão de 1990, o filho Alex está determinado a proteger a mãe de qualquer forma de excitação. Receando que ela possa ter outro ataque cardíaco se souber o que aconteceu, não lhe diz que o muro caiu. Alex reencena para a mãe, acamada nos confins de quarto - o mundo da antiga RDA. Mas o que fará ele à medida que a mãe recuperar e a se tornar cada vez mais difícil alimentar aquele simulacro? O que acontecerá quando ele deixar de conseguir comprar diariamente produtos da antiga RDA? Ou o que fará ele se ela quiser assistir à "Aktuelle Kamera", o entretanto extinto programa de actualidades noticiosas notícias da RDA? E o que acontecerá se ela vir pela primeira vez um cartaz da Coca-Cola no Leste?

Acelerado e divertido, intrigante e comovente, Becker conta uma história tão única quanto irresistível, uma história alternativa à história do passado alemão recente; uma história humana da Reunificação não apenas de uma nação inteira, mas de uma família que vive em Berlim Oriental.



COMENTÁRIOS DO REALIZADOR

Um Capítulo Importante da História Alemã

Fascinou-me a ideia de um filho a tentar salvar a vida à mãe, a tentar manter a morte à distância com uma mentira e deixando-se emaranhar cada vez mais numa mentira sobre uma Alemanha Oriental que já não existe e em que ele quer que a mãe continue a acreditar. Isso é algo universal que poderia estar totalmente dissociado deste passado específico, de toda esta história da Alemanha Oriental, da queda do Muro e da Reunificação. Empolgou-me a ideia de combinar os dois aspectos e de relatar também um capítulo importante da história alemã, ou de o ter pelo menos como pano de fundo. É isso que é tão maravilhoso neste tema. É uma fatia da história alemã, mas que é contada incidentalmente e não como uma peça central da história.

Sobre o actor Daniel Brühl

Eu queria que as pessoas acreditassem no personagem do Daniel Brühl, e que acreditassem que ele fez aquilo sem ter pensando bem nas suas implicações. E o Daniel protagoniza-o de forma fantástica, porque é simplesmente um actor muito emocional. Nunca tenho qualquer dúvida sobre ele ou sobre

a razão que o leva a fazer aquilo pela mãe. Ele faz aquilo parecer completamente incontornável, num momento em que poderia estar a dar passos concretos em direcção ao futuro – apaixonou-se, tem uma panóplia de opções, é um maravilhoso Verão de mudança... Mas apesar disso, ele move-se numa direcção completamente diferente – como que numa marcha-atrás – nomeadamente para reconstruir o que toda a gente está alegremente a abandonar. Daniel dá ao seu papel uma dose certa de calor e emoção, que nos faz logo esquecer porque é que ele se sujeita àquilo pela mãe.

Sobre a actriz Katrin Saß

Quando penso na Katrin Saß, ocorre-me logo a sua naturalidade e a naturalidade do seu discurso; a forma como ela consegue actuar com poucos recursos sem nunca exagerar. Para mim, um filme também é sempre um olhar, e os olhos dela são perfeitos, o que é algo que não se encontra com muita frequência.

Sobre a personagem da mãe

Eu não lhe chamaria certamente uma socialista da linha-dura. Tenderia a descrevê-la como uma mulher com a síndrome clássica de auxiliar, um tipo que também existe noutros sistemas sociais. Não há nela nada de tipicamente Alemanha Oriental. Ela é uma mulher que gosta muito de ajudar os outros, sentindo até uma certa obrigação de o fazer. É uma mulher que vive num país sem alternativas. Não pode simplesmente ir a outro sítio.

Uma visão da Alemanha Oriental pela Alemanha Ocidental

Eu cresci na Alemanha Ocidental, mas moro em Berlim há muito tempo. Eu conhecia a Alemanha Oriental e Berlim Oriental, mas claro que nunca senti pessoalmente – com a minha própria experiência – o que foi crescer naquele país, passar ali a minha infância e adolescência, viver a queda do Muro e ter finalmente uma sensação de liberdade, liberdade no sentido de poder viajar ou de ter direitos cívicos.

Conhecemos muitas pessoas que tinham vinte e tal anos quando o Muro caiu. Elas contaram-nos o que sentiam na altura. As histórias eram todas diferentes, por vezes até contraditórias. Não as incorporámos nem no argumento nem na forma de filmar, nem através de diálogos ou de cenas, mas ficámos ambos com uma sensação de validação enquanto escrevíamos o argumento e eu, enquanto realizava. Fez-nos sentir que a história que quisemos contar é sólida e consistente.

Uso de material de arquivo

O que é interessante é que não filmámos um único frame novo para fazer o filme. Bastou-nos pegar em material de arquivo existente e pô-lo num contexto diferente. Isso mostra a facilidade com que se podem fingir coisas com fotografias e comentários ligeiramente alterados - o que nos leva a questionar se as fotografias já eram completamente verdadeiras no seu contexto original e, para começar, quanta verdade se pode encontrar em fotografias.



WOLFGANG BECKER

Nasceu em Hemer, na Vestfália, em 1954. Estudou Literatura Alemã, História e Literatura Americana na Universidade Livre de Berlim e, em 1980, estudou na Academia Alemã de Cinema e Televisão, também em Berlim. Começou a trabalhar como director de fotografia freelancer em 1983 e realizou o seu primeiro filme em 1987. Recebeu vários prémios pelo seu trabalho de 1992, KINDERSPIELE e pelo filme DAS LEBEN IST EINE BAUSTELLE (em competição no Festival de Berlim, em 1997). Em 1994, foi co-fundador da produtora X Filme Creative Pool.



Cahiers du Cinéma ★★★★★

The Guardian ★★★★★

Roger Ebert ★★★★★

Empire ★★★★★

IMDB 7,7/10

2003 - Alemanha - 118 min.



30 ANOS DA QUEDA DO MURO DE BERLIM
EM REPOSIÇÃO NOS CINEMAS